

VITÓRIA ANTIGA

A memória destruída

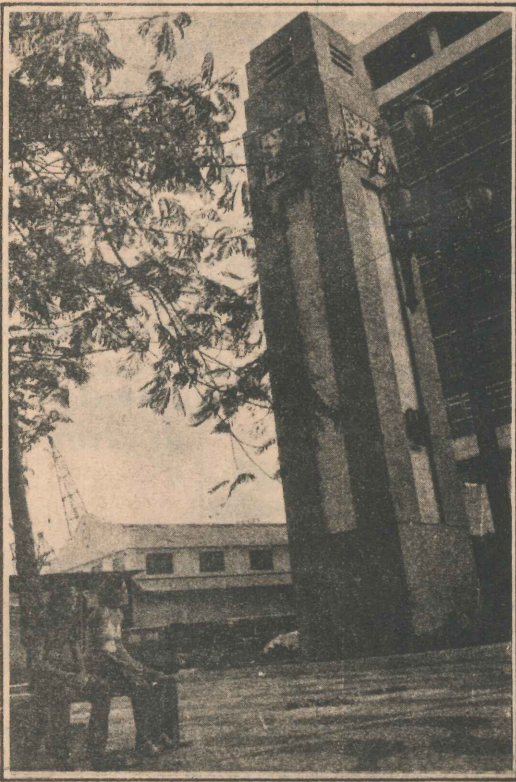
AJ20360

Texto de Maria Lúcia
Fotos Arquivo AG.

Conventos que passaram a ser estação de rádio, obeliscos mutilados, bustos de personalidades históricas, do país ou do estado, colocados em praças que viraram estacionamento de carro ou local de encontros noturnos. Ruas sem placas indicativas de seu nome, calçamento substituído por bloquetes. Crimes contra o passado histórico da cidade e que muito poucos se tocam. Por quê? Numa visita pela cidade, pelo seu passado, muita coisa esquecida e abandonada pode ser vista. Para quem tiver olhos de ver.



Um dos lugares que ainda conservam os paralelepípedos é o caminho que conduz ao Convento da Penha. Na maioria dos casos eles foram trocados por bloquetes.



O obelisco construído em homenagem ao IV Centenário do Povoamento do Espírito Santo foi substituído pelo relógio, quase sempre parado.

O maior inimigo do capixaba é o próprio capixaba. Tudo que é de fora é exaltado, e o que é seu é esquecido. Por isso, quando eu era prefeito, exaltei o bairrismo de Cachoeiro de Itapemirim, que tem um grande amor cívico. Eles têm um bairrismo sadio".

A mágoa do dr. Adelpho Poli Monjardim é fundamentada em muitas histórias, que ele vai contando, em sua casa, na rua que leva nome de seu pai, Barão de Monjardim. Não muito longe, do obelisco construído pela família Oliveira Santos, em homenagem ao IV Centenário do Povoamento do Espírito Santo por Vasco Fernandes Coutinho.

Inaugurado durante o governo de João Punaro Bley, em 23 de maio de 1935, o obelisco ocupou a Praça Oito, durante muitos anos. Até que construíram o relógio e o levaram para a praça mais conhecida como do Trabalho, em frente à Capitania dos Portos.

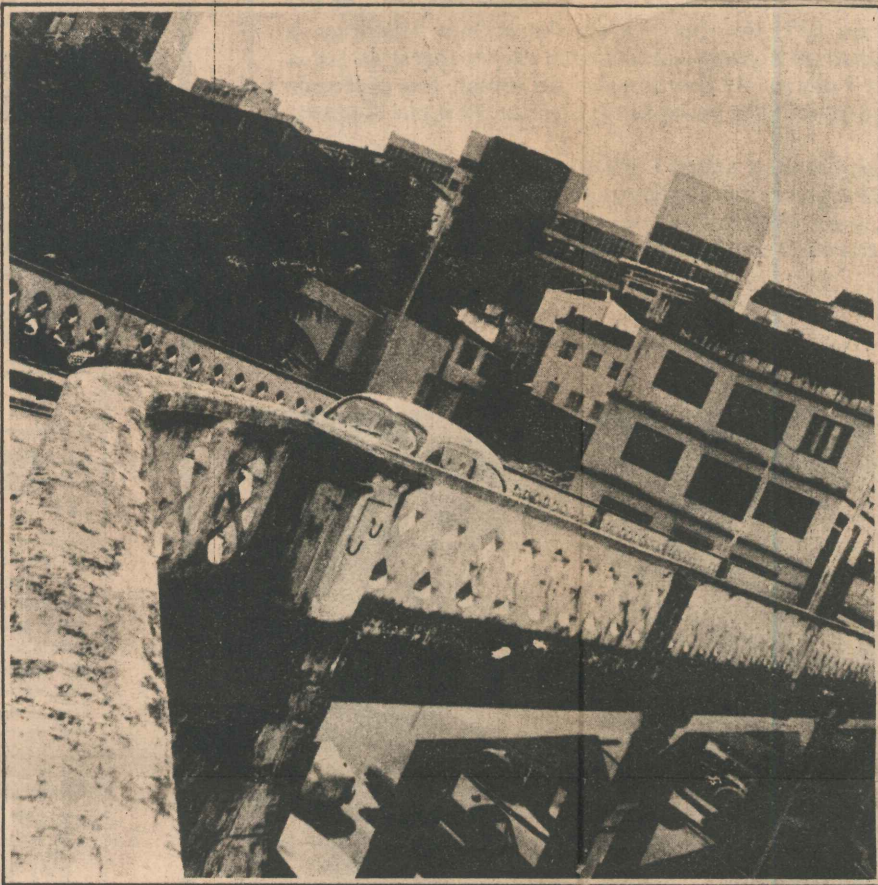
Além de ser transferido, o obelisco sofreu muitos atos de vandalismo: a placa de bronze com a reprodução da chegada de Vasco Fernandes Coutinho em Vila Velha foi pintada com tinta vermelha, de que ainda conserva alguns traços. Num carnaval ele foi enfeitado e o ápice foi inutilizado. A ponta do obelisco sumiu até hoje, do mesmo modo que o cinturão que cercava o monumento.

Essa falta de cuidado com a própria história, personificada nas construções antigas, talvez explique o desconhecimento da origem dos nomes de certas partes da cidade. Mesmo recorrendo a seus apontamentos, que estão sendo feitos para um próximo livro, sobre os tesouros e lendas do Espírito Santo, o dr. Adelpho não encontra explicação para a origem dos nomes Ilha das Flores ou Ilha do Príncipe. Quanto a essa, ele chega a arriscar um prognóstico.

— Eu calculo que o nome foi em homenagem a Dom Pedro I, Príncipe Regente, ou aos dois filhos de Dom Pedro II, que morreram com dois anos, pois não conhecemos outros príncipes na família real. O que pode nem ter nada uma coisa com a outra, porque hoje em dia por exemplo, tem um lugar chamado Vale Encantado, que é um charco só. Mais tarde nem vão saber que o nome foi escolhido só por lirismo", diz Adelpho.

O viaduto na rua Caramuru, que era ponto de ligação entre duas partes da cidade com o bondinho, nem é mais usado, a não ser pelos "guardadores" de carros, que passam o dia, lavando os automóveis dos fregueses, que se acostumaram a estacionar naquele trecho, evitando a Fundep.

— Mas de noite, tem gente usando o viaduto para namorar, sim senhora, porque é meio isolado, diz o Zé Luiz, que ganha, em



No Viaduto da Caramuru em lugar do bonde, estacionamento de carros e encontros noturnos (apesar das lâmpadas que ficam acesas de noite)

média, mil e quinhentos cruzeiros por semana naquele ponto. Que ele garante que é seguro e que não tem assalto.

Nem do tipo que sofreu a municipalidade, quando derrubaram a antiga sede da Prefeitura de Vitória, construída em 1924, quando era prefeito Octávio Índio do Brasil Peixoto, no governo do Florentino Avidos.

— Foi destruído um monumento histórico, pois passaram por ela muitos prefeitos que deixaram sua marca, fazendo a história de Vitória. Era casa de uma família tradicional do estado, do avô do Jefferson de Aguiar. Me lembro que muitas instituições pediram que ela fosse usada como pronto-socorro e o dr. Luiz Derenzi queria fazer ali a Academia Espírito-Santense de Letras.

As histórias que vão sendo contadas, mescladas de mágoa, pelo dr. Adelpho, chegam ao Convento de São Francisco, completamente danificado, reformado, sem restos que lembrem seu valor histórico. E ao próprio palácio do governo, que também perdeu sua personalidade, porque cada um que assumia o poder estadual, dava "seu toque", no dizer do dr. Adelpho.

Quem lembra outras coisas esquecidas? Como a história do Convento da Penha, idéia de Pedro Palácios, leigo franciscano que veio do Convento Arabda, em Portugal, em 1558. Ele ficou na Lapa, na entrada do convento. E um dia fez o nicho, conhecido como ermida de São Francisco. Foi aí que ele colocou primeiro o quadro, que atualmente está na nave da Igreja de Nossa Senhora da Penha (nome original, que se aportuguesou para Penha), pintado por Calixto, mostrando

o ataque holandês que foi evitado, porque das nuvens saiu um esquadrão que fez correr os holandeses.

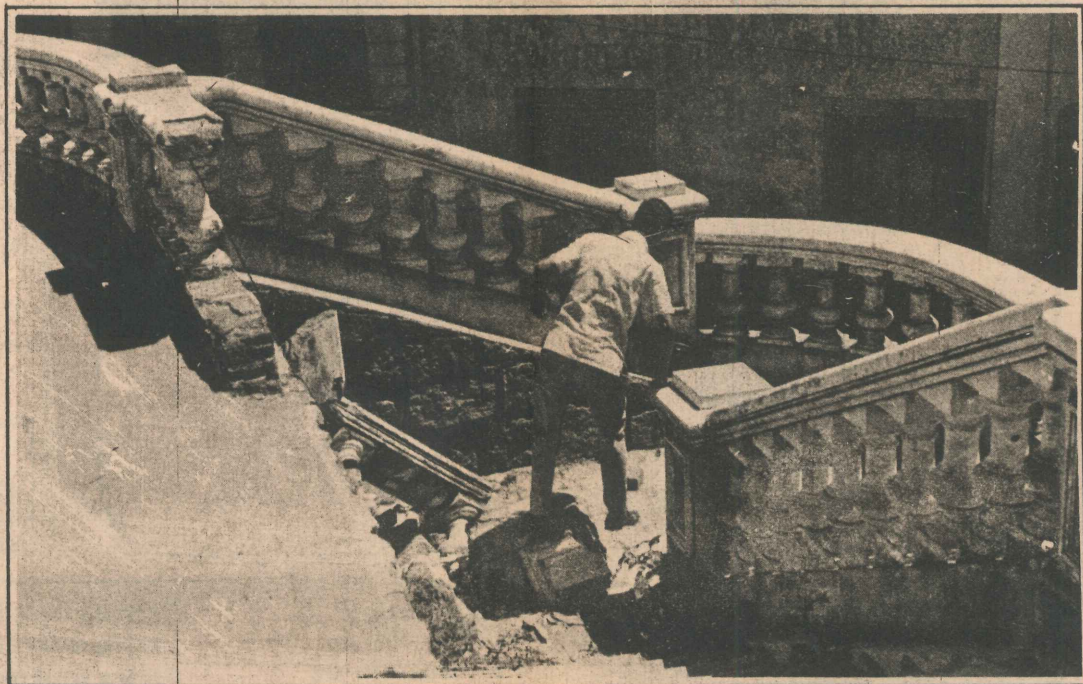
E, no entusiasmo das críticas, ele investe contra os ataques que se fazem ao que ele chama de "monumentos naturais", às formações rochosas que estão sendo transformadas em paralelepípedos. A pedra da Gamela, na Avenida Nossa Senhora da Penha, o cocoruto no fim do morro de Santo Antônio, por exemplo.

— O morro do Moscoso, na Fonte Grande, é que deveria ser usado, porque há grandes pedras soltas lá", diz ele.

E as histórias do descaso da população com seu passado são muitas, muitas mais. Na praça que fica na subida da Coronel Monjardim foi colocado o busto do dr. Afonso Schwab. Os engraxates e lavadores de carro chegavam ao absurdo de usarem o busto como cabide para suas toalhas.

Na Praça Independência havia quatro bustos: Jerônimo Monteiro, em frente ao Glória; Muniz Frêre, em frente ao Carlos Gomes; Afonso Cláudio, em frente ao Império e Florentino Avidos em frente à Excelsa. Um dia o busto de Jerônimo Monteiro, doado à municipalidade por Antônio Balbi, o mesmo que fez a herma do dr. Darci Monteiro, desapareceu da praça. E muita gente nem reparou.

E a população concorre para a destruição de suas próprias raízes. Por gozação ou inconsciência. Ou será necessidade? Porque, talvez, só a necessidade de utilização prática, justifique que, toda a vez que são substituídas, as torneiras do chafariz, na gruta da Onça, na Barão de Monjareim, são roubadas.



Se não existe cuidado na conservação, ele tem que ser redobrado na descida porque senão é tomo certo

Gas, 27 abril 80